

EUROPA FILMES | RIOFILME | PETROBRAS | AURORA CINEMATOGRAFICA | MARIZA LEÃO

APRESENTAM



VENDO
OU
ALUGO



www.facebook.com/Vendooualugofilme



88 MINUTOS | COR | JANELA 1:85 | DOLBY 5.1



APRESENTAÇÃO

Depois de dois longas ambientados em Brasília [“O Casamento de Louise”, de 2001, e “Celeste & Estrela”, de 2003], a cineasta carioca Betse de Paula mergulha no cotidiano do Rio de Janeiro em **Vendo ou Alugo**.

Com produção de Mariza Leão, a comédia protagonizada por Marieta Severo tem como pano de fundo questões atuais da cidade, como a pacificação das favelas e a especulação imobiliária, que são apresentadas de forma leve e livre de julgamentos morais. Sem resvalar no politicamente correto, o filme retrata uma família com quatro gerações de mulheres - que já foi riquíssima e se afundou em dívidas. O filme conta com patrocínio da RioFilme e da Petrobras.

Betse apostou nos planos-sequência para contar essa história, que revela situações tipicamente cariocas: o convívio entre diferentes classes sociais e a delicada fronteira que separa o morro e o asfalto.

Nathália Timberg interpreta a aristocrática embaixatriz Maria Eudóxia Magalhães Brito Bandeira de Lima, que mora com sua filha, a desencanada Maria Alice [Marieta]; com Baby [Silvia Buarque], a neta bicho-grilo; e com Madu [Bia Morgana], a jovem bisneta que sonha em morar fora do país.

Para escapar da falência total, só lhes resta vender o casarão onde vivem, localizada no pé do morro Chapéu Mangueira, no Leme - bairro nobre do Rio. Com esperança de que o imóvel valorize com a Unidade de Polícia Pacificadora [UPP], prestes a ser instalada na favela, elas tentam ao mesmo tempo vender a casa para dois pretendentes. O primeiro é um empresário francês [Nicola Lama], interessado em transformá-la num hotel exótico junto à comunidade. O outro é um ex-assaltante e atual pastor [André Mattos], que está à procura de um novo templo para os fiéis.

Marieta Severo encontrou na protagonista de **Vendo ou Alugo** o contraponto de Nenê, a dona de casa exemplar que interpreta há 12 anos no seriado "A Grande Família", na TV Globo. Sem um pingão de culpa, Maria Alice vive inadimplente com as contas há anos e se vira traduzindo manuais de armas para os traficantes da favela e fazendo docinhos eróticos para despedidas de solteiro. Faz mandinga e oferenda para lemanjá para voltar aos tempos de bonança, mas não deixa a peteca cair. Apaixona-se pelo motoboy e traficante Jorge [Marcos Palmeira], bem mais novo do que ela, e embarca na aventura sem titubear.





No papel da matriarca que não perde a pose, Nathália Timberg divide cenas hilárias com um trio muito divertido formado pelas veteranas Ilka Soares, Carmem Verônica e Dayse Lucidi, apelidadas carinhosamente de “Tartarugas”. Amigas de longa data, elas reúnem-se sempre para jogatinas animadíssimas no casarão. Essa foi a primeira vez que as quatro atrizes trabalharam juntas.

“É uma comédia de situações para toda a família”, aposta Betse. O elenco do filme também é familiar em vários aspectos. As atrizes Marieta Severo e Silvia Buarque vivem mãe e filha pela primeira vez na ficção. Bia Morgana, que vive Madu, a bisneta da embaixatriz, é filha de Betse de Paula e contracena com o tio, Marcos Palmeira - irmão da diretora. Nizo Netto e Rico Rondelli, primos de Betse, fazem participações especiais como dois policiais.

As filmagens aconteceram entre setembro e outubro de 2011, no Rio de Janeiro. Além da casa no Leme, o filme teve locações externas tipicamente cariocas: a orla da praia e as comunidades Chapéu Mangueira e Babilônia. A trilha sonora, assinada pelos irmãos Fábio e Fael Mondego e Marco Tommasi, conta também com a participação de Jorge Mautner e Nelson Jacobina. **Vendo ou Alugo** estreia em todo o Brasil em agosto de 2013, com distribuição da Europa Filmes.

SINOPSE LONGA



Um casarão no pé do Morro Chapéu Mangueira, na Zona Sul do Rio, é habitado por uma família com quatro gerações de mulheres, que já foi riquíssima, mas está afundada em dívidas. Maria Alice [Marieta Severo] recebe a notícia de que a casa irá a leilão se não quitar as contas atrasadas. Ela terá que convencer a mãe, a filha e a neta de que só há uma solução para escaparem da falência: vender o imóvel em tempo recorde.

Apostando na valorização da casa com a chegada na favela da Unidade de Polícia Pacificadora [UPP], elas passam por situações cômicas quando tentam ao mesmo tempo vender a mansão para um empresário francês e para um ex-assaltante e atual pastor da comunidade.

No meio da tumultuada visita, os possíveis compradores presenciam um tiroteio entre bandidos e polícia, que interrompe também a jogatina da embaixatriz e suas três inseparáveis amigas. Para complicar, um jovem traficante pede abrigo às moças e é acolhido por elas. E um grupo de policiais ainda invade a casa para fazer uma busca. Instaurado o caos, elas não sabem se tudo está perdido ou se vão conseguir de uma vez por todas resolver seus problemas.

Com Marieta Severo, Marcos Palmeira, Nathália Timberg, Sílvia Buarque, Beatriz Morgana, André Mattos, Maria Assunção, Nicola Lama, Pedro Monteiro, Juan Paiva, Ilka Soares, Carmem Verônica, Daisy Lúcidí, Analu Prestes, Antônio Pitanga e Nizo Netto.

SINOPSE CURTA

Um casarão no pé de um morro, na Zona Sul do Rio, é habitado por uma família com quatro gerações de mulheres, que já foi riquíssima, mas está afundada em dívidas.

Maria Alice [Marieta Severo] terá que convencer a mãe, a filha e a neta de que só há uma solução para escaparem da falência: tentar vender a casa antes que ela vá a leilão. Resta saber se a chegada da Unidade de Polícia Pacificadora [UPP] à favela vai ajudar ou atrapalhar a venda da mansão. Com Marieta Severo, Marcos Palmeira, Nathália Timberg, Sílvia Buarque, Beatriz Morgana, André Mattos, Maria Assunção, Nicola Lama, Pedro Monteiro, Juan Paiva, Ilka Soares, Carmem Verônica, Daisy Lúcidí, Analu Prestes, Antônio Pitanga e Nizo Netto.

MARIETA SEVERO
Maria Alice



MARCOS PALMEIRA
Jorge



NATHÁLIA TIMBERG
Maria Eudóxia



MARIA ASSUNÇÃO
Graça



PEDRO MONTEIRO
Júlio



CARMEM VERÔNICA
Dagmar



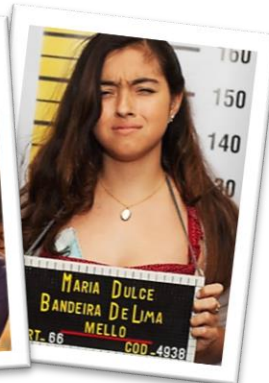
DAISY LÚCIDI
Kita



ANALU PRESTES
Bitucha



BIA MORGANA
Madu



SILVIA BUARQUE
Baby

ILKA SOARES
Clotilde

ANDRÉ MATTOS
Pastor



NICOLA LAMA
Manoel



ANTONIO PITANGA
Seu Capô

JUAN PAIVA
Coisa Ruim



NIZZO NETTO
Policial



FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO Betse de Paula

PRODUÇÃO Mariza Leão

PRODUÇÃO EXECUTIVA Heloisa Rezende

ROTEIRO Betse De Paula, Maria Lucia Dahl, Julia de Abreu e Mariza Leão

COLABORAÇÃO ROTEIRO José Roberto Torero, Adriana Falcão e Anna Muylaert

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA Jacques Cheuiche, ABC

CÂMERA Eti Penna

DIREÇÃO DE ARTE Emily Pirmez

MONTAGEM Marta Luz, EDT

FIGURINO Maria Diaz

SOM DIRETO Zezé D'Alice

EDIÇÃO DE SOM Virginia Flores

MIXAGEM Roberto Leite

MÚSICA Fabio Mondego, Fael Mondego, Marco Tommasi

MAQUIAGEM Martín Macías Trujillo

PRODUÇÃO DE ELENCO Marcela Altberg

PRODUÇÃO Aurora Cinematográfica

PRODUTORES ASSOCIADOS Atitude, Marieta Severo, Marco Aurélio Marcondes, Labocine e Europa Filmes

COPRODUÇÃO Atitude Produções

DISTRIBUIÇÃO Europa Filmes e RioFilme

APOIO Oi Futuro, Telecine e Globo Filmes



DIREÇÃO BETSE DE PAULA

Como surgiu a ideia de filmar **VENDO OU ALUGO** ?

O projeto surgiu em 2006, quando eu morava em Brasília. Na maioria dos filmes no Rio de Janeiro e em São Paulo apareciam armas e eu achava esse fato muito esquisito. Mas, logo que me mudei de volta para o Rio, a casa dos meus pais foi assaltada e pude constatar que a violência está presente na cidade. Assim surgiu a ideia de fazer um filme sobre as pessoas que moram na fronteira, sobre o contato da favela com o asfalto, e contar essa história do ponto de vista de quatro mulheres. Queria mostrar como essas mulheres sozinhas se viram sendo vizinhas da favela.

O que mudou no roteiro de 2006 para 2011, ano em que o filme foi rodado?

Mudou bastante. Partimos de um argumento da Maria Lúcia Dahl, que é uma escritora muito engraçada. Durante todo o processo de produção – levantar dinheiro, recrutar pessoas para trabalharem no filme – as coisas foram mudando, o Rio de Janeiro foi mudando, então fui adaptando o roteiro de acordo com a realidade e os assuntos atuais, como a pacificação das comunidades e a especulação imobiliária. Quando comecei a fazer o filme, a casa onde filmamos de fato estava à venda por R\$ 650 mil e não conseguiram vender. Agora o imóvel está valendo milhões. Outro exemplo é o personagem Coisa Ruim, interpretado por Juan Paiva, que foi o último a entrar no filme. Eu o descobri no Degase-RJ [Departamento Geral de Ações Educativas], onde convivi com menores que possuem conflitos com a lei. A experiência foi incrível, totalmente surpreendente. Você não espera que vai gostar tanto de conviver e de entender aquelas pessoas. O ator, do grupo “Nós do Morro”, foi selecionado em um teste e já tinha feito cinema antes.



Por que **VENDO OU ALUGO**?

O nome do filme surgiu no início do projeto. Nós pensamos também em “Dando Certo”, que seria o primeiro título, mas poderia dar a impressão errada [risos]. Então, resolvemos por “Vendo ou Alugo” porque tem uma conotação de urgência, de resolver logo aquela situação.

Que tipo de humor você buscou nesse filme?

É o humor do cotidiano. Acho que o desafio deste filme é olhar para uma situação, que é trágica, sempre como uma situação de comédia. A casa está cheia de dívidas, as personagens também, a casa está prestes a ir a leilão, elas correm o risco de perder o imóvel onde mora a família inteira! É uma tragédia, é uma coisa terrível! E a graça está na busca das soluções, porque as soluções são completamente loucas de forma geral. É difícil fazer graça com tiroteio, por exemplo. A personagem principal usa todas as dificuldades a seu favor, e isso é muito interessante, porque ela tem uma visão positiva da vida, mesmo com vários problemas acontecendo.

E tem mais um aspecto interessante no filme: ele tem um quê de “O Anjo Exterminador” [clássico da década de 60, do diretor Luis Buñuel, em que os personagens não conseguem sair de uma festa para a qual foram convidados]. Então, se você reparar, as pessoas entram na casa, mas ninguém sai. Uma vez que entrou, não sai mais. O humor também tem esse lado surrealista.

Você demorou muito tempo para encontrar a locação ideal para o filme. Por que essa casa foi escolhida?

Eu demorei muitos anos para descobrir o casarão. Apesar de o Rio ter vários casarões, poucos têm vista para a favela. Todo mundo que mora perto dá um jeito de esconder a vista para a favela. É muito difícil no Rio de Janeiro encontrar uma casa que tenha essa relação tão próxima entre o imóvel e a comunidade. E eu também queria um casarão antigo, pois a ideia é mostrar uma família em decadência, então não poderia ser um imóvel novo. É uma casa dos anos 20, no Leme, uma locação maravilhosa. Nós encontramos a casa em 2009 e em seguida todos os tratamentos do roteiro, que foram cerca de 20, já foram pensando na casa.



Depois de dirigir dois filmes ambientados em Brasília [“O Casamento de Louise”, 2001 e “Celeste & Estrela”, 2002], cidade onde você morou por dez anos, como foi filmar no Rio, sua cidade natal?

Filmar no Rio é completamente diferente, é um meio mais profissional. Aqui eu tive a oportunidade de ter uma produtora maravilhosa [Mariza Leão], um distribuidor, toda uma equipe. É um filme de “gente grande” [risos]. “Casamento de Louise” foi lançado com cinco cópias. “Celeste & Estrela” com apenas uma. No “Vendo ou Alugo” serão mais de duzentas salas. Essas são algumas diferenças. Não que o meu compromisso com os filmes seja diferente, o amor que eu tenho por eles é o mesmo, mas aqui o ambiente foi mais profissional.

Como foi dirigir o seu irmão, Marcos Palmeira, e a sua filha, Bia Morgana? Vocês conversaram muito em casa sobre o filme e os personagens?

Eu gosto muito de estar no papel de diretora, mas também gosto de estar confortável na situação. Na realidade, o elenco todo é muito familiar. Eu dirigi o Marcos no meu primeiro curta, “SOS Brunet”, e no seguinte realizado no Rio, “Por Dúvida das Vias”. Aí fui morar em Brasília, e ele foi o Bugre em “Casamento de Louise”. É sempre muito bom trabalhar com ele, pois além de um grande ator, é uma pessoa maravilhosa que coloca a camisa do time e ajuda muito. Silvia Buarque é uma pessoa com quem eu trabalho há muitos anos. A gente sempre brinca que de dez em dez anos a gente faz um filme [risos]. Trabalhamos juntas também nos filmes “Por Dúvida das Vias”, o primeiro filme que ela fez, e em “Casamento de Louise”. Marieta também fez o “Por Dúvida das Vias”. E se tem algo que eu gosto é isso, um ambiente familiar. O clima foi muito bacana, todo mundo se ajudou. Eu conversei muito com a Bia em casa e com o Marcos. Bia também é parceira, entende o que eu digo, ajuda em tudo, é concentrada. Eu e Bia passamos anos procurando e construindo a Madu. Ela trouxe até uma amiga escritora da mesma idade pra ajudar.

Como foi a escolha e a preparação do elenco?

Quando a Marieta entrou, ela deu toda a definição do filme e o projeto começou, de fato, a andar. Marieta e Marquinhos já tinham feito um casal no teatro, em “Ligações Perigosas”, então podíamos contar com uma química já testada. Era uma família de morenas o que facilitou para Bia ser Madu. Chamei a Silvinha pra fazer a Baby. Marieta entrou, Nathália topou, chegaram as “Tartarugas”, vieram André Mattos, Pedro Monteiro e Nicola Lama... quando eu vi, tinha um elenco incrível! Fizemos várias leituras de mesa e ensaios na casa. Um trabalho de preparação grande, pois pegamos a casa um mês antes de filmar. Então, começamos a ensaiar na locação, fizemos toda a marcação com o fotógrafo, o câmara etc. Uma observação: a Marieta também prepara os atores, é uma coisa incrível. Ela foi muito parceira. A preparação do elenco foi muito bacana. O Marcos, por exemplo, aprendeu a andar de moto e fez aula com um motoboy. Marieta nunca tinha andado de moto e teve que andar no filme, na garupa do Marquinhos [risos]!

Vocês filmaram na comunidade pacificada do Chapéu Mangueira, no Leme. Como foi essa experiência? A comunidade participa do longa?

Não tivemos restrição nenhuma. Foi sensacional! A equipe ia para a locação tranquilamente a pé e o almoço era na comunidade. Alguns moradores fizeram figuração e muitos ofereceram ajuda, foi realmente muito bacana.

PRODUÇÃO MARIZA LEÃO

Como você define “Vendo ou Alugo”?

“Vendo ou Alugo” faz parte de um estilo de comédia que encontra laços com os filmes do mestre Hugo Carvana: comédias urbanas em torno de personagens da classe média que misturam diálogos e situações inesperadas em busca de um humor inteligente.

Como foi filmar numa casa com tanta personalidade, que extrapola a função de locação e é quase um personagem?

Desde o início, a casa que será vendida ou alugada era mesmo um personagem do filme. Por coincidência, a família da diretora de arte do filme, a Emily Pirmez, tinha uma casa no pé da comunidade do Chapéu Mangueira. Foi mais do que sorte, foi Deus que nos colocou ali. Quando você tem um filme muito centrado em uma única locação é importante que a direção e a cenografia explorem cada espaço, para criar movimento e cor nas cenas. E isso foi plenamente realizado.

Além da produção, você também colaborou no roteiro. Como se deu esse processo?

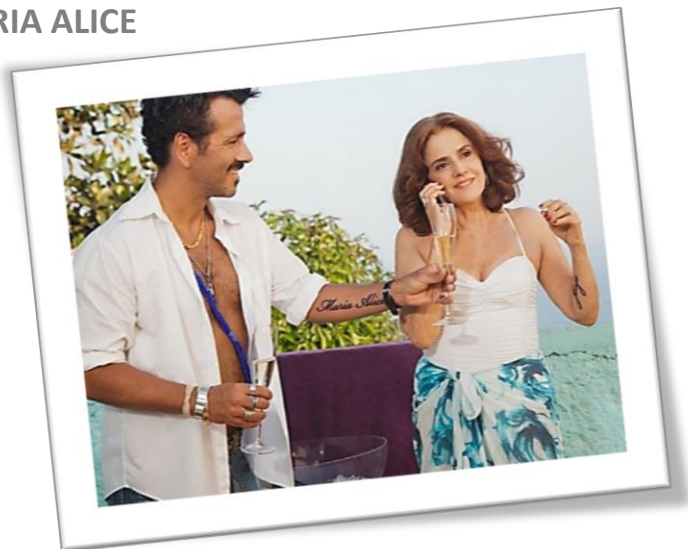
Quando a Betse de Paula me procurou, esse projeto já tinha uns cinco anos entre uma produtora e outra. Admiro o trabalho dela e sei do potencial que ela tem em criar filmes e personagens muito interessantes, como “O Casamento de Louise”.

Ao ler o roteiro, percebi que ele tinha “envelhecido” num aspecto fundamental: havia sido escrito antes da UPP [Unidade de Polícia Pacificadora]. Enxerguei aqui a oportunidade de atualizar o contexto. Confesso que adorei trabalhar no roteiro. Queria ter mais tempo para fazer isso sempre.



MARIETA SEVERO

MARIA ALICE



Como foi filmar sob direção de Betse de Paula?

Foi muito gostoso e divertido. Mesmo quando eu chegava para filmar exausta depois de um dia de gravação no Projac, era contagiada pelo clima no set. Ela tem essa capacidade, esse olhar irônico, irreverente. Faz uma bagunça muito grande com essas gerações todas, sem criticar os personagens.

O que você mais gosta nesse filme?

"Vendo ou Alugo" é um filme que você assiste com interesse, com prazer. Um confronto dessa casa burguesa com aquela favela, que vai tomando conta de tudo. O filme é muito contemporâneo, fala de questões de hoje, de agora. E então, eu acho bacana tocar nesse Rio de Janeiro que vai se modificando, que já virou outra coisa, já não é mais aquele mesmo Rio de dez anos atrás. Em uma década tudo mudou, o Brasil mudou muito. Eu acho que o filme tem isso. Ele reflete muito essa mudança.

Como se relaciona essa família de mulheres?

O filme consegue falar dessas quatro gerações de maneira muito bem humorada. Betse não coloca um olhar crítico sobre as personagens. Ao mesmo tempo, essas mulheres são quatro perdidas [risos]. A mamãe, personagem da Nathália, é aquela burguesa decadente, ainda apegada a valores, ainda simulando uma vida que não existe mais. Ela representa muito um tipo de personagem daquela geração. É claro que nenhum personagem vai esgotar uma geração, dessa burguesia que parece que não enxerga mais o que está a sua volta. É aquela mulher que está ao lado do telefone e fala: "fulano, atende o telefone!", "cadê o mordomo?", mas não tem mais nada, não tem nem quadro na parede e ela continua vivendo uma vida ilusória.

Maria Alice é o oposto da bem comportada Dona Nenê, de "A Grande Família". Como foi a experiência de interpretar duas mulheres tão diferentes?

Venho de 12 anos interpretando uma mãe brasileira exemplar, carregada de valores e de ética e a Maria Alice é o contraponto da dona Nenê. O melhor de qualquer trabalho, no teatro, cinema ou TV, é que você entre em um túnel e perca o senso crítico completamente - e tem que perder mesmo. Maria Alice é uma fracassada. Nada dela resultou em alguma coisa, mas ela é muito feliz dentro disso tudo. Não tem problema em não ter conseguido realizar nada direito, de repente inventa o livro "Dando Certo", um bufê erótico e faz as traduções de manuais de metralhadora para os traficantes. Então, estabelece esse elo entre a casa dela e a favela, onde ela está servindo à bandidagem. Ela é muito inconsequente. Eu me preocupei em fazer a Maria Alice assim. Essa mulher que passou a vida inteira querendo ser VIP, a VIP número 2000 do show do Mick Jagger, e achando isso lindo, fumando muito, meio desligada. E ela vai em frente, acredita em alguma coisa e vai adiante. Anda com o motoboy feliz da vida. Ela não tem problema, não tem preconceito algum, e eu acho que é esse o olhar da Betse, sem preconceito mesmo.

Como foi estreiar no papel da mãe de sua filha, Silvia (Buarque)?

Fiz "Cenas de Outono" no teatro com ela há muitos anos e, quando começamos a ensaiar, eu fiquei tão emocionada que perdi a voz. Depois disso não fizemos muita coisa, só um episódio de "A Comédia da Vida Privada", do João Falcão. E no cinema nunca tínhamos contracenado. Bom, a minha filha, a personagem da Silvinha, é hilária. É ligada com os movimentos da Terra, com o verde. A família toda é muito engraçada. A Madu, neta da Maria Alice, só quer vazar dali. Nenhuma delas tem compromisso algum com a realidade, são umas alienadas sociais totais. Retratam uma camada da sociedade brasileira que não enxerga nem quer enxergar o que está à sua volta. Os personagens foram construídos sem nenhum moralismo ou julgamento e são todos uns irresponsáveis - até os policiais que entram na casa e o pastor, que é completamente corrupto.

MARCOS PALMEIRA

JORGE



Como foram as filmagens e a construção do personagem?

Foi ótimo fazer esse filme! Eu já tinha trabalhado com a Betse, então eu conheço bem a figura no comando do set. Ela é muito engraçada, sabe muito bem o que quer. Fiz com ela o "Casamento de Louise", que foi o primeiro longa dela, além dos curtas "S.O.S Brunet" e "Por Dúvida das Vias". Sobre o Jorge, a construção foi mais em cima das leituras e dos ensaios. Já na primeira leitura eu cheguei no tom do personagem e pontuei algumas coisas que a Betse gostou muito.

Você já tinha dirigido moto?

Eu já tinha dirigido, mas não tinha prática. Foi meio complexo. O Márcio, que era um motoboy do Morro Chapéu Mangueira, ficou me treinando. Quando filmei a primeira cena, por exemplo, eu quase fiz um strike, quase derrubei todo mundo que estava na minha frente [risos]. Mas depois que aprendi foi muito bom, foi ótimo entrar no Chapéu Mangueira, poder subir o morro e circular por toda aquela área.

Você fez quantas aulas?

Um setete. O tempo que tinha livre, eu ia pra rua com ele e fazia aula de moto, aprender a fazer o ziguezague. Me ajudou muito porque eu tinha que carregar a Marieta e carregar a Maria Assunção, atriz que faz a empregada. Eu tinha muita responsabilidade já que não era só eu ali.

Como foi atuar em um ambiente tão familiar?

Tinha um clima familiar o tempo inteiro – e não apenas entre mim, a Betse e a Bia, minha sobrinha querida. Eu fiz a novela "Pantanal" com a Nathália e foi muito marcante no início da minha carreira, para que não houvesse deslumbramento com o sucesso. A Marieta durante muitos anos foi uma das minhas melhores amigas. Fizemos juntos no teatro "Ligações Perigosas" [em 1987, com direção de José Possi Neto].

Ela talvez seja uma das pessoas mais importantes da minha carreira de ator, foi muito importante mesmo na minha vida, na pontuação de minhas opções profissionais, da postura no trabalho, de compromisso. Sou muito amigo da Sílvia Buarque desde sempre, desde o colégio - estudamos juntos no São Vicente, estava sempre com elas. Esse reencontro com a Marieta foi muito bom, foi como se o tempo não tivesse passado. A gente resgatou a cumplicidade daquela época.

Que outros trabalhos você e Marieta fizeram juntos?

No cinema fizemos “Vai Trabalhar Vagabundo 2”, do Hugo Carvana e “Carlota Joaquina”, da Carla Camurati.

E como é ser dirigido por sua irmã? Como é a relação de vocês no set?

Eu me dou muito bem com a Betse, ela é muito minha amiga. Ela é muito engraçada, então ela dá o tom do que ela quer e fica muito fácil acompanhar. Na hora de filmar ela faz os personagens, mostra como ela quer a cena. Ela te dá uma linha e aceita também sugestões, é totalmente aberta. É muito bom trabalhar com a Betse.

Qual foi sua primeira impressão ao ler o roteiro do projeto?

Eu morri de rir e já queria estar no filme. E eu acho que a Betse foi muito inteligente, teve a humildade de ouvir a opinião das pessoas, mexeu no roteiro tantas vezes quanto foi preciso. Eu acho que a entrada da Mariza Leão foi muito importante para ela, pois deu uma maturidade de produção. A Betse, além de diretora, também é produtora. Então, foi bom ter Mariza como produtora no set, com um olhar de fora, e com estrutura mesmo de produção. O roteiro é muito bom. É comédia de costumes, uma comédia familiar. Remete um pouco ao humor de alguns filmes do Carvana, mas ao mesmo tempo é um filme contemporâneo. “Vendo ou Alugo” é um filme verdadeiramente politicamente incorreto e eu acho isso muito bom.

NATHÁLIA TIMBERG

MARIA EUDÓXIA



Como o filme “Vendo ou Alugo” chegou a você?

Recebi o roteiro e foi uma paixão imediata. Uma história incrível, contada de maneira deliciosa. Uma oportunidade que para mim às vezes é rara, de participar de uma coisa mais leve, mais voltada para o humor, uma comédia. Então, me apaixonei. Eu fiquei muito feliz de a Betse ter pensado em mim para fazer a embaixatriz Maria Eudóxia Magalhães Brito Bandeira de Lima - que não é um nome, é um título! E realmente o personagem foi um presente, desde a leitura. A linguagem da Betse, a cabeça dela, a maneira de ela colocar as coisas. Eu sempre digo que ela tem a simplicidade dos grandes. Essa coisa natural, simples e enorme. O tratamento que ela dá, a linguagem que escolheu... Eu terminei as filmagens, o tempo passou, e eu continuo apaixonada. Estamos todos na expectativa de como essa criança vai ser recebida, mas a saudade já está instalada, continua.

Eu pensei que de repente pudessem filmar mais alguma coisa e eu ficaria super feliz se isso acontecesse [risos]. Tudo foi muito bom. A equipe, o clima, os colegas, um *casting* muito bem feito, então cada um estava dentro do que se podia sonhar nesse trabalho, naquele momento. Ainda mais com aquela linguagem linda e ágil da Betse, os planos longos, os planos sequência, que têm uma verdade, não é aquela coisa armada. Isso deu um frescor para o filme.

Essa foi sua primeira atuação com as atrizes que interpretaram as “Tartarugas”. Como foi contracenar com Ilka Soares, Carmem Verônica e Dayse Lucidi?

Foi uma delícia! Eu achei muito engraçada a composição que se conseguiu com as personalidades bem diferentes de cada uma, funcionou bem, amalgamou bem a relação entre elas. Então, foi realmente um achado divertido e nós fazemos um contraponto entre a nossa geração e as outras.

Isso dá a diversidade a que o “Vendo ou Alugo” se propõe. O Chapéu Mangureira, as pessoas que estão naquela casa, que em si já é um evento. Tudo no filme casou muito bem. Eu sou muito fã também da Marieta Severo, do Marcos Palmeira e descobri uma menina muito adorável, que interpreta a minha bisneta, a Bia Morgana. Enfim, eu poderia citar o elenco inteiro.

Como foi fazer, no cinema, o papel de uma aristocrata decadente e elegante?

Normalmente a imagem que os meus personagens têm é muito forte. Tenho umas boas megeras na minha biografia, mas tenho alguns personagens despojados, outros divertidos. Então, essa foi mais uma oportunidade que eu tive de mostrar esse lado leve, que as pessoas não estão tão habituadas a ver no meu trabalho.



SILVIA BUARQUE

BABY

“Interpretar a Baby, a princípio, não foi fácil, porque ela tem um ritmo diferente do meu, ela é bem fora da realidade, bem “viajandona”. Então, o desafio era torná-la crível, sem cair na caricatura. Mas depois que peguei o tom, a coisa fluiu bem, pois tenho uma parceria boa e antiga com a Betse e ela dirige muito bem os atores. Esse filme tem um aspecto super familiar. Foi uma alegria trabalhar com a minha mãe [Marieta Severo]. Somos muito amigas, muito parceiras, e a essa altura do campeonato já não me intimido mais com a presença dela no set de filmagem. Foi leve, foi alegre. Vale dizer que eu nunca tinha feito o papel de filha dela na ficção, mas estreei na TV como neta da Nathália Timberg, em 1987, na novela “Corpo Santo”. Também já tinha feito o papel da mãe da Bia Morgana em “O Casamento de Louise”.

BIA MORGANA

MADU



"Essa foi a minha segunda experiência como atriz no cinema. Quando tinha seis anos [hoje tenho 19 anos], uma atriz não pôde continuar a filmagem de "O Casamento de Louise", dirigido pela minha mãe [Betse de Paula], que me colocou para atuar pela primeira vez em um filme. Depois disso, não fiz mais cinema. Estou cursando a faculdade de artes cênicas. O clima familiar das filmagens me ajudou muito. Trabalhar no set com a minha mãe é engraçado porque ela é mãe e diretora em tempo integral! Tem uma preocupação dos dois lados, tanto na parte profissional quanto pessoal. Eu já tinha trabalhado com a Silvia Buarque em "O Casamento de Louise", quando fiz o papel da filha dela pela primeira vez. A gente já tinha uma intimidade, um entrosamento. A Marieta Severo também é maravilhosa, uma pessoa incrível de se trabalhar".

SOBRE A LOCAÇÃO

A CASA DO LEME

A casa de 400 metros quadrados na Rua Ribeiro da Costa, no Leme, Zona Sul do Rio de Janeiro, foi a principal locação do filme durante os meses de setembro e outubro de 2011. Construída em 1926 por uma empresa europeia, a residência ficou pronta em 1930, quando os bisavôs de Emily Pirmez, diretora de arte do longa, compraram o imóvel que até hoje pertence à família.

O casarão é todo de concreto armado – incluindo o teto e o telhado – o que permitiu que a equipe instalasse o equipamento pesado de filmagem (luzes e refletores) em todos os lugares necessários. As filmagens aconteceram em diferentes cômodos: sala, sala de jantar, escritório, quartos, banheiros, cozinha e varanda. Como no filme os moradores estão falidos e não reformam a casa há muitos anos, Emily precisou de um mês para deixar as paredes com a tinta descascada e envelhecidas com manchas feitas com pó de café diluído.



Ao longo de oito décadas, a casa de cinco andares e 12 quartos passou por modificações. Ganhou um elevador dos anos 50, o salão de jogos e a sala de cinema foram transformados em quartos e a falsa lareira foi retirada. As janelas, as portas e o piso de madeira foram preservados. O estilo híbrido reúne grandes colunas, jardins suspensos e sancas decorativas. O local já serviu de locação para fotos publicitárias e para a minissérie “Maysa” [TV Globo].

"A casa se adaptou muito bem ao filme e o resultado é bonito, funcional. Nós filmamos em dois andares. Na parte de cima, os quartos, e na parte de baixo, as salas. Demos um downgrade em tudo: na parede, fizemos uns furos de bala e quebramos alguns vidros", conta a diretora de arte e proprietária do casarão, Emily Pirmez.

PRODUÇÃO

AURORA CINEMATOGRAFICA

Criada em 1997, a empresa produziu os longas-metragens “Celeste & Estrela”[2005] e “O Casamento de Louise”[2001], além de quarto curtas-metragens e diversos programas de TV. Atualmente está produzindo o documentário de longa-metragem “Revelando Sebastião Salgado”. Na TV, produziu diversos documentários biográficos para a série “Retratos Brasileiros”, do Canal Brasil [Zelito Viana, Mário Carneiro, Helena Solberg, Mariza Leão e Miguel Faria Jr.], e a série “Imagens da História” [2006], que foi exibida na Rede Brasil e no Canal Brasil.

COPRODUÇÃO

ATITUDE PRODUÇÕES

A Atitude Produções opera ao lado da Morena Filmes na produção de filmes de longa-metragem, séries para TV, espetáculos e documentários, sob o comando de Mariza Leão. Sua mais recente produção, “De Pernas pro Ar 2”, já levou 4,8 milhões de espectadores aos cinemas. Conquistaram também o público com os filmes “Meu Nome Não é Johnny”, longa brasileiro de maior bilheteria em 2008 e “De Pernas pro Ar”, comédia de sucesso em 2010 com Ingrid Guimarães. Essas duas produções somaram juntas mais de 5,7 milhões de ingressos.

A Atitude Produções e a Morena Filmes produziram juntas gêneros diversos, entre eles o longa-metragem Apenas o fim e o documentário “Waldick, Sempre no Meu Coração”, de Patrícia Pillar. Para televisão, realizou as séries “Procurando Quem “[Canal Brasil] “Cara Metade” [Multishow], o show Irmão Aniceto e Orquestra Eleazar de Carvalho e Waldick ao Vivo, além da série “Meu Passado me Condena” [Multishow], direção de Júlia Rezende, com segunda temporada já garantida para 2013.

DISTRIBUIÇÃO



A Europa Filmes é uma empresa brasileira que atua no mercado de distribuição de filmes em cinema, home vídeo e TV desde 1990 e tem como diretor Wilson Feitosa. Com um amplo repertório de títulos, do longa-metragem de ação ao filme restrito aos circuitos de arte, do *blockbuster* norte-americano ao independente, do ganhador do Oscar à coprodução nacional, a empresa garante um lugar especial entre as distribuidoras independentes e, nestes últimos 20 anos, oferece o melhor serviço aos seus clientes e parceiros.

Desde 1995 o trabalho da distribuidora foi fundamental para o sucesso e crescimento recente do cinema brasileiro, trouxe ao público brasileiro sucessos como Central do Brasil, indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Nesses anos, a Europa Filmes já levou para os cinemas sucessos de crítica e público como os premiados “O Paciente Inglês” [vencedor de 9 Oscars, entre elas a de Melhor Filme], “Quem Quer Ser Um Milionário?” [vencedor de 8 Oscars], “Traffic” [vencedor de 4 Oscars], “Menina de Ouro” [vencedor de 4 Oscars], “O Pianista” [vencedor de 3 Oscars], “O Segredo de Brokeback Mountain” [vencedor de 3 Oscars], entre outros.

No mercado de vídeo, apostou forte na franquia de sucesso da “Galinha Pintadinha”, lançando o primeiro volume, que se tornou hoje um dos maiores hits entre as crianças e sucesso de vendas no mercado de vídeo brasileiro.

Além de ser a distribuidora independente que mais apoia o cinema nacional no país, tendo um catálogo com mais de 100 títulos e sendo recordista no segmento em vendas diretas às locadoras de filmes nacionais, com mais de 65 mil unidades dos filmes “Os Normais – O Filme” e “Olga”, sendo a pioneira no mercado de home-vídeo na chamada fase da retomada do cinema nacional, a partir do lançamento de “Carlota Joaquina”, “O Quatrilho” e “Central do Brasil”, em meados dos anos 1990.

A Europa Filmes sempre esteve sintonizada com as novas tecnologias e janelas do mercado, sendo uma das pioneiras no lançamento no mercado brasileiro de títulos das novas mídias.



A RioFilme é uma empresa de investimento em audiovisual que pertence à Prefeitura do Rio de Janeiro. Fundada em 1992, foi revitalizada em 2009 e passou a ter a missão de promover o desenvolvimento da indústria audiovisual carioca, levando em conta seus impactos econômicos e sociais na cidade. Com a revitalização, deixou de ser apenas distribuidora e tornou-se uma investidora em produção, distribuição, exibição, infraestrutura, difusão e capacitação, atuando também em parceria com a iniciativa privada. Desde então, a Prefeitura investiu, por meio da RioFilme, cerca de R\$ 100 milhões em 252 projetos. A empresa também elevou sua receita, de cerca de R\$ 1,4 milhão em 2008, para cerca de R\$ 24,5 milhões no período 2009/2012. A empresa tem diversificado os investimentos e ampliado o seu alcance. Multiplicou o número de projetos apoiados e de empresas beneficiadas, assim como o público impactado. A capacidade de investimento também foi elevada e os resultados tornaram-se mais significativos, beneficiando a indústria audiovisual carioca e a população da cidade.

Patrocínio



Produção



Co-produção



Apoio



Distribuição



com a participação



ASSESSORIA DE IMPRENSA

PALAVRA ASSESSORIA EM COMUNICAÇÃO

[21] 3204-3124

DIREÇÃO

Cristina Rio Branco

cristina@palavraonline.com

André de Biase

andredebiase@palavraonline.com

COORDENAÇÃO

Paula Catunda

paula@palavraonline.com

[21] 8795-6583

ATENDIMENTO

Tatiana Garritano

tatiana@palavraonline.com

[21] 8283-5039

EUROPA FILMES

[11] 3130-1555

ASSESSOR DE IMPRENSA

Leonardo Rolim

leonardo@vinnyfilmes.com.br